

Transcrição: Memórias Compartilhadas de Luiz Pereira Moysés

Luiz Pereira Moysés: Me propuseram a falar alguma coisa sobre esse espaço aqui, do Auditório, e sobre a Felícia Leirner. No Auditório eu venho sempre quando tem algum evento, o Festival de Inverno e outros eventos, principalmente, os eventos aqui de Campos, eu venho aqui. Eu vou me estender mais sobre Felícia Leirner porque eu convivi com ela muitos anos.

E, para começar o nosso bate papo eu quero me apresentar. Meu nome é Luiz Pereira Moysés, nasci em Campos de Jordão (SP). A minha mãe era Cândida. Ela veio de Portugal e o meu pai era do Sul de Minas. Eu participei do primário aqui na Escola Domingos Jaguaribe, até o quarto ano. Naquele tempo não tinha mais estudo, terminava o quarto ano e fim de papo. E aí, então, quando eu completei o quarto ano, o meu pai falou "Você tem que aprender uma profissão. Qual é a profissão que você quer?". Quando ele falou isso, eu falei "O que?", eu não tinha a menor ideia. Então, ele falou "Olha, eu falei com o meu amigo, José Félix, ele é empreiteiro e ele vai dar serviço para você, para você aprender o ofício de pintor de parede". Que bom! E eu não falei nada. "Amanhã, 8h, você se apresenta na Madame Campos". Então, eu fui, né. E, tinha um empreiteiro chamado Pedro. Pedro da dona Ruth, ele chamava. E ele pegou uma obra de uma senhora de São Paulo. Aí, eu fui trabalhar lá. Chegando lá, me apresentaram "essa aqui chama a dona Felícia, Felícia Leirner". O marido dela, Sr. Isaí Leirner era uma pessoa maravilhosa.

E aí, então, lá em casa, eu já comecei a fazer desenho e pintar alguma coisinha. E aí, naqueles tempos eu já tinha caminhado um pouco e eu fiz um quadrinho, ali de Capivari, pegando a igreja na parte do fundo, e eu achei que eu tinha feito um bom trabalho. Fiquei contente. E aí, então, nós fomos caminhando na obra. Um dia ela estava ali no quintal e apareceu, "Dona Felícia, eu queria falar com a senhora". Ela falou "Como é que é seu nome?". "Meu nome é Luiz" "O que você deseja?". Eu falei "fiz esse quadrinho aqui. Eu gostaria que a senhora desse uma opinião". E, naquela hora ela falou "entra um pouco comigo aqui". E aí ela sentou-se e começou a conversar comigo. Ela falou tanto, tanta coisa, assim, naquele momento que ela falou "eu gostaria de conversar mais com você".

E passou o tempo e eu comecei a trabalhar por minha conta. Aí, na próxima reforma da casa, da próxima pintura, o Sr. Pedro já tinha se aposentado e eu peguei o serviço. E, a gente continuou conversando. Eu já tinha pintado bastante coisas e eu chegava lá e, naquele tempo, eu tinha uma lambreta, quando eu passava na avenida que vai para Capivari, tinha poucas casas. Eu via lá em cima a casa dela no lado direito, a chaminé fumegando. A dona Felícia está aí! Eu chegava lá e pedia licença, ela já me levava lá para o terraço, porque o marido dela já havia morrido. Então, ela ficava aqui bastante tempo.

Ela trabalhava aqui, essas obras, aí eu vi ela fazer muitas delas. Então, a gente sentava e conversava, ela pegou, me explicou um dia sobre o Homem Vitruviano, a anatomia de uma maneira tão bacana que eu entendi tudo, sabe? Pra mim ela foi uma coisa maravilhosa.

E aí, então, nós continuamos e ela era moderna. A gente vê que o trabalho dela é moderno e eu optei mais pelo clássico, o figurativo. Eu tive um bom mestre, Camargo

Freire, que me orientou bastante, e o grande mestre internacional Francisco Prohane, né, que também me orientou bastante. E aí então, eu gostava... eu estudei bastante, consegui bons livros sobre artistas famosos de antigamente, aquela coleção, a arte... Belas-Artes.

E aí, um dia eu conversando com ela, a gente sempre ia lá tomar um chá da tarde, né. Como diz lá no Sul de Minas, umas quitandas lá, a gente ia comendo e tomando chá. Aí, um dia eu estava tomando chá com ela e eu perguntei "Mas, Dona Felícia, por que arte moderna? A gente não entende, é tão difícil". Ela pegou, tomou um golo, um golinho de chá, ela falou "Luiz, você me falou uma vez que a senhora sua mãe passava roupa com o ferro de carvão". "É, é verdade". "E, hoje, ela ainda passa com o ferro de carvão?". Eu falei "não, ela tem ferro elétrico, tem liquidificador". "Então, isso daí é a evolução. A arte é assim! A arte moderna é assim. Ela deu um passo à frente". E aí, eu pensei e tomei um gole de chá e falei "1x0 para a senhora".

Passou o tempo, ela conseguiu que toda a obra dela o Governo aceitasse e ficasse aqui nesse local, pouco depois que fizeram essa maravilha que é o Auditório. E aí, então, naquele tempo, aquele político que não me lembro, agora fugiu nome dele, que construiu isso aqui tudo, né. Já que eu me lembro dele. Ela falou com ele e com o Governador, naquele tempo eu acho que era Paulo Egydio Martins. E aí, então, ela colocou a ideia de fazer aqui o espaço com a obra dela. Acho que aí ele agradou a ideia dela e fez essa maravilha aí que está agora para eternidade. Mas aí, ela também fez um catálogo, um catálogo, né. E ela vendeu a casa e deixou todas essas obras aqui. Ela mudou-se para São Paulo, lá no Pacaembu. Ela morava lá em uma casa antiga.

Ela ficou lá e isso passou muito tempo. Ela estava na minha saudade. E aí, um dia tocou o telefone lá em casa "Luiz, adivinha quem está falando", "Ah, com essa voz aí, é a Dona Felícia, né. Mas, onde a senhora está? Está em São Paulo?", "Não, eu estou aqui em Campos do Jordão. Eu estou aqui no hotel", ali na rua da casa dela, Rua Isaí Leirner, tem um hotel que ele mudou tanto de nome, que não lembro o nome. "Eu estou aqui nesse hotel da minha rua antiga e gostaria que você viesse aqui, que eu quero conversar com você". Eu peguei o carro e imediatamente cheguei lá e lá me apresentei. Eu me apresentei, o recepcionista me recebeu. Foi lá avisá-la nos aposentos dela e daqui a pouco ela voltou com uma publicação apertada no peito e quando eu a vi, me emocionei. Ela levantou também, nos abraçamos. Sentamos ao lado um do outro e aí ela falou "É curioso esse negócio de livros de arte, né" e eu falei "Dona Felícia, que livro que é esse?". Ela falou "olha eu escrevi um catálogo da minha história. Aqui em Campos do Jordão, duas pessoas vão receber esse catálogo e eu vim trazer especialmente para você". Falei "Poxa vida, assim a senhora me cabula".

Daí ela pegou, tirou e pediu a caneta e para o recepcionista, fez uma dedicatória. E aí comecei a olhar os trabalhos, né, e ela disse "esse aqui eu ainda era figurativo. Tá vendo essa daqui? É a escultura da minha mãe". Aí, ela foi mostrando e falei "o que significa esses buracos, essas coisas?" e ela me explicou tudo. E quando terminou, aí chegou a hora da despedida. Ela se levantou, foi para o quarto e eu, então, saí.

Ali na porta tinha uma rosa grande, assim, com a cor do cabelo dela. Ela era europeia, né, o cabelo dela era meio bege, meio... era uma rosa, que não é branca, mas era um pouquinho assim. Quando olhei aquela rosa, eu estava emocionado e comecei a pensar, né. De repente, deu um vento e a rosa despetalou e caiu no chão. Aí, eu vi que ali

naquela tábua que tinha ali na cerca que estava um pouco molhada. Acontece, né? Não estava chovendo, né. Aí, eu limpei o olho e fui embora. Até hoje, sempre que eu vou no lugar que tem uma daquelas rosas... assim como uma raposa, se lembra de pequeno príncipe quando vê o campo de trigo, sempre que eu vejo uma rosa daquela cor, eu me lembro da Felícia. Só que aí eu já não choro mais, falo: “Oh, Felícia, até um dia. Foi muito bom conhecer você”.